

O poder das histórias no imaginário infantil

ILEIDES MULLER - pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 40

Ora (direis) ouvir histórias! Parafraçando o grande poeta Olavo Bilac, teço breves considerações acerca da importância das histórias no universo infantil, após observar a fotografia da meiga Luisa, de apenas dois anos e meio de idade, com sua avó, Elizabeth Fonseca, em momento de supremo envolvimento com a leitura. São indiscutíveis os benefícios que a literatura proporciona às mentes em formação, entre os quais, auxilia no desenvolvimento das habilidades linguísticas, desperta a curiosidade, a criatividade, proporciona prazer, aguça a imaginação e amplia as fronteiras de um mundo em construção. Ainda, é, também, pela via literária que a criança desenvolve empatia para com seus semelhantes, o senso de justiça, o respeito às diferenças, que melhor se expressa e, no tempo oportuno, melhor escreve.

Mas, a quem cabe a tarefa de inserir a criança no mundo dos livros, ou o livro no mundo da criança? Segundo o escritor Rubem Alves, “um livro é um brinquedo feito com letras”. Sendo assim, trata-se de “brincadeira” importante a ser iniciada na mais tenra idade, no ambiente familiar, e não apenas no espaço escolar. O mercado editorial oferece grande variedade de obras destinadas ao público infantil, com texturas diversas, formatos criativos e belos enredos.



ACERVO FAMÍLIA

Luisa e seus doces sonhos

“Ao ser apresentado, lido/ouvido de forma lúdica, o livro impresso produz afeto e enlevo capaz de acender a imaginação”

Tempos idos e vividos

CHIQUINHO PALHANO (1924-2020) - pertenceu à ASL

No ano de 1940, Campo Grande tinha, exatamente, vinte e seis mil habitantes, e quem duvidar não custa consultar os nossos arquivos: éramos, então, pouco mais do que uma vila perdida nestes confins do Centro-Oeste. Se bem que, naquele tempo, nem éramos conhecidos como Centro-Oeste, era o fim do mundo mesmo, que pelo menos nos daria certa dignidade. Uma coisa, um não sei que, nos dava uma força que nos impelia para frente, não se escutava de ninguém que pouco mais do que nada éramos, o nosso orgulho tolhia investidas negativas. Talvez a coragem dos que aqui aportaram, em busca de fortuna, contaminasse os outros viventes. De resto, esses outros, formando uma plêiade de valentes, como suas aroeiras, tinham no espírito um cerne consistente infenso ao desânimo. Nunca se escutavam, de quem quer que fosse, palavras desanimadoras, e vou dar-lhe um exemplo.

Por volta dos anos trinta, um jovem médico, formado na melhor faculdade do País, saído da Vacaria e alcançando o Rio de Janeiro em lombo de cavalo, depois de forma-

do, resolveu fazer uma extensão universitária a fim de melhorar seus conhecimentos no mais avançado país da época, a Alemanha. O atrevido jovem chamava-se Vespasiano Martins. E você sabe o que fez depois do grande salto? Estabeleceu-se no Rio ou em São Paulo, certo? Errado. Veio para sua terra, Campo Grande, exercer não apenas a profissão que escolhera, mas também emprestar seu talento político em prol da amada terra. Fico por aqui, que Vespasiano é tão grande que não cabe numa simples crônica.

Outros vieram de muito longe, do outro lado do mundo, uns do Japão, trazendo na bagagem apenas suas ferramentas de lida na terra e a quem devemos a fatura que imprimiram no lugar. Os de procedência árabe dedicavam-se ao comércio, fossem eles descendentes de fenícios que, com suas canoas, saíam oceano afora descobrindo novas terras. Talvez o desconforto tenha sido o fator gerador de progresso, pois excitava os seus habitantes fazer do pouco, muito. Aos domingos, havia matinê no Alhambra, e eu me vejo na minha juventude vestido de terno e gravata, que ninguém aqui era cafajeste para andar sem gravata, dirigir-me ao cinema, onde, na entrada encontrava a Glorinha, acompanha-

Ao ser apresentado, lido/ouvido de forma lúdica, o livro impresso produz afeto e enlevo capaz de acender a imaginação, e é por esse caminho que os pequeninos constroem mundos, como bem revelou Cecília Meireles: “Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo”.

A imagem da pequena Luisa, concentrada na história, encantou-me pela alegria e interesse que demonstra e o devotamento com que observa as figuras e absorve o conteúdo de cada página. É possível até “sentir” a sua interação amorosa, feita de silêncios, gestos, olhares e vocabulário próprio, ao ouvir a narração na voz cadenciada da sua avó, a poeta/escritora e exímia declamadora Elizabeth Fonseca, integrante da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, autora, também, de livros da literatura infantil. Com delicadeza, doçura e gestos afetuosos, a avó Elizabeth, ao espalhar sementes de valores no campo da imaginação, de forma prazerosa contribui para a educação da neta Luisa, fortalece os vínculos e cria laços que permanecerão para sempre.

É assim que os pequenos ouvintes/leitores, atentos a olhares, gestos, expressões e entonação, descobrem que as páginas têm voz, ação, sentimento, beleza, magia e alegria e, certamente, no tempo próprio, passarão a ler, não por ordem imposta por alguém, mas por sentir necessidade desses afagos. Quem se encanta com essa “brincadeira” passa a amar os livros, quer tê-los por perto, quer falar com eles e ouvir o que eles têm a dizer. Histórias ouvidas desde a primeira infância ajudam a lidar com sentimentos e emoções e formam a grande janela através da qual a mente infantil ganha asas e voa pelo mundo ouvindo estrelas.

da da irmã Ivonete, por quem eu tinha uma paixãoite nunca correspondida, e logo depois a outra, Glorinha, tão bonita como suas irmãs, de belas lembranças. Ali, na sala de esperança, a gente ficava de olho comprido nas meninas, procurando o que hoje se chama paquera, até o começo da famosa sessão de cinema. Víamos, então, Clark Gable, Gary Cooper, Thereza Write e Carole Lombard desfilando em filmes inesquecíveis, ao cabo dos quais saímos de volta para casa, não sem antes tentarmos qualquer aproximação com nossas estrelas crioulas.

Depois do cinema, um sorvete no Bar Bom Jardim, bem ali na Rua 14, que seu Eugenio Perón, com sua incansável simpatia, servia-nos com nobre gentileza. Depois, ia cada um para sua casa, aguardar a noite para iniciar logo mais uma outra semana. Quer melhor que isso?

Era assim a nossa Campo Grande, que hoje, com o conforto que a vida nos dá, é a metrópole que vemos. Mas é bom não esquecer, jamais, que devemos tudo isso a eles, nossos antecessores, que nos legaram, talvez com sacrifício, o que hoje desfrutamos. Eu gosto de lembrar daqueles tempos, mas gosto, sobretudo, de lembrar de agradecê-los, a todos.

A decadência do grande passado fluvial de Corumbá

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA - escritor e historiador, Cadeira nº 28 da ASL

O grande comércio fluvial internacional começou a dar seus primeiros sintomas de decadência a partir de 1914. Vários relatórios das autoridades municipais (Intendentes, na época), dirigidos à Câmara Municipal de Corumbá, registram mudanças nas expectativas de progresso da cidade.

Além das transformações de ordem econômica que se processavam em escala mundial, e a concorrência que os comerciantes do porto (totalmente ligados a uma economia baseada no extrativismo e não na produção) tiveram de enfrentar diante da nova ordem, com poderosas empresas vinculadas ao capital financeiro internacional se instalando no Estado, dois principais fato-

res vieram interferir na continuidade desse grande passado fluvial: a Primeira Guerra Mundial e a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), em Porto Esperança (município de Corumbá). Ambos ocorridos em 1914.

Com a Primeira Guerra Mundial, houve a expansão da crise financeira internacional e seus reflexos sobre a economia do nosso país, atingindo duramente o desenvolvimento de Corumbá, que vinha sendo impulsionado pela navegação fluvial e pelo comércio importador e exportador.

A chegada dos trilhos da NOB até Porto Esperança, ligando o sul do estado de Mato Grosso diretamente a São Paulo, fez com que as transações comerciais (que até então eram realizadas com países platinos) passassem a ser feitas com São Paulo e Santos.

Foi como a rapidez com que seca o orvalho das folhas das roseiras que a musa dos meus sonhos arrebitou as cordas da sua lira.

Foi como o silêncio da noite, que invade as tardes, que o amor dos meus amores fugiu no seu corcel alado sem dizer adeus.

A NOB, então, que tantos benefícios trouxe para o sul do Estado, inclusive para a pecuária pantaneira, facilitando a saída do boi magro para as invernações paulistas, haveria de causar a desativação da navegação fluvial internacional e do comércio de importação e exportação, provocando ruptura econômica entre Corumbá e os principais centros da Bacia do Prata: Buenos Aires e Montevideú.

A partir de então, a cidade deixou de ser um entreposto comercial de destaque, e o esplendor daquele grande passado fluvial, aos poucos, foi perdendo a expressão e desaparecendo. Apenas algumas companhias de navegação, com embarcações menores, resistiram à crise, prestando serviços ao interior do Estado e às populações ribeirinhas, quando utilizavam suas lanchas escoteiras (chamadas mascates), dedicando-se ao comércio ambulante.

Foi como o sibilo estridente do vento despin-do as árvores que a cotovia da minha alma cantou pela última vez.

De repente, o ideal dos meus sonhos se apagou. Foi como a lâmpada de azeite, que extingue a chama no derradeiro estertor da morte...

+POESIAS

Mundo interior

Cada um de nós na vida
É uma interrogação...
Somos um desses mistérios
Da universal criação.
Como é belo e estranho o mundo
Que está em volta de nós!
Há, no entanto, um mais belo
E ainda mais estranho
Onde vivemos a sós...
Naquele reina a aparência
Muitas vezes de esplendor...
Neste, não! - Tudo é sincero:
Seja a mais pura alegria,
Seja a mais acerba dor...
E no silêncio da prece
Que não se faz com a voz
Muitas vezes presentimos
A sublime realidade:
- O Reino de Deus em nós!

OLIVA ENCISO

Brotam

dentro da sua carne
cortes e pontos
gosmas suturadas
entorpecidas endurecidas
por saídas atalhos
mata-burros retornos highways
desejos frustrações ânsias
agonias êxtases
aparam transbordam
secam molham
calhas para subterrâneos
fluxos mirabolantes
veia salta na goela
na força do grito
músculos se contorcem
no nó na cala
sangue em catarse
esvai
no vaivém
brotam
cicatrices

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

A cacimba

Sempre em borbulhar, numa eterna mágoa,
Eu vejo, cristalino, esse olho-d'água;
E como é triste e alvo como o linho
Um olho-d'água à beira do caminho!...
Ali é a cacimba... rústica e isolada,
Dos noitibós, esplêndida morada;
Onde, fugindo da aridez do campo
Em rondejar o alegre pirilampo.
À tarde, na figueira, a passarada,
Numa enervante e louca revoada,
Senta... esvoaça... em lúbrica contenda.
Faz dez anos que ali a preta amada,
Com a grosseira saia arregaçada,
Cantando, lava a roupa da fazenda...

HÉLIO SEREJO

Beduína

Trazes na luz
Dos teus grandes olhos negros,
Crepúsculos
E romances de amor ardente.
No teu corpo moreno - Ânfora da vida,
Há a placidez lasciva do Nilo...
Teus seios têm a beleza
E a maciez das dunas do deserto
Ao nascer das arvoradas.
Teu beijo de mulher oriental,
Tem sabor de tâmaras
Colhidas no frescor das noites.
Nos teus róseos lábios,
Onde moram as luzes das auroras,
Sorvo o doce licor
E me embriago nos sonhos de ventura.
Por Alá - Com Ele todo poder e glória,
Tu seguirás o meu destino.
Armaremos nossa tenda
Em outras terras e seremos venturosos.
Não serei mais nômade,
Pois, tu és o oásis da minha salvação!

HUGO PEREIRA DO VALE

Desilusão

ARGUS CIRINO (1939-1997) - pertenceu à ASL

De repente, o ideal dos meus sonhos esmaeceu.
Foi como a tempestade escura, que rouba, à primavera, o brilho do sol.